



Agora nova interpretação para o “trabalho escravo”

Em História, terra é a fonte de dominação

Para os alunos de 6ª a 8ª séries do primeiro grau, a proposta sugere “a articulação do tema Trabalho com o tema Terra, e desdobramentos como Terra/Propriedade-Cidade/Fábrica, resistências cotidianas.

Entre as propostas de trabalho, o documento quer que sejam discutidos “problemas colocados pelas tensões entre os projetos políticos de reforma agrária e as políticas de assentamento de colonos, indígenas e posseiros, com o desencadear de questões como: especulação imobiliária, êxodo rural, tensões relacionadas com a posse da terra; com a exploração/desapropriação do trabalhador rural”. Outros problemas: uso do solo urbano que está relacionado à expansão da cidade, solo criado com a verticalização, deslocamento das populações de baixa renda e construção da periferia como resultado desse movimento.

E como exemplo de transformação de uso do solo, a proposta sugere que se estudem “outras formas”, como as “questões ligadas à concentração de terras, à pauperização dos camponeses e à precariedade do abastecimento às vésperas da Revolução Russa”. Ou como “as dificuldades dos pequenos proprietários frente à formação das grandes propriedades”.

Do começo ao fim, o enfoque do programa é exclusivamente voltado à luta de classes e os temas para estudo não variam: “Diversificação das dimensões da terra como fonte de poder, dominação e definição das relações capitalistas; diferentes projetos políticos do patronato para o encaminhamento de seus interesses quanto à imigração e expansão do mercado de trabalho assalariado”.

As “rebeliões e resistências no processo de desapropriação da terra e da força de trabalho” ocupam um capítulo à parte no programa, propondo que se estudem “formas de

rebelião social, como: Revolução Mexicana, Tupac Amaru e outros”. Outro capítulo, “Cidade-Fábrica: formas de dominação e resistência aos avanços do capitalismo no século XX”, sugere a recuperação “da historicidade dessas questões no Brasil e na América, articulando-as ao contexto mundial, o que permitiria resgatar momentos de rearranjos e redefinições do sistema capitalista”.

A própria proposta admite: “Para esse resgate, elegemos três momentos de crise do sistema, uma vez que, nesses momentos, o capitalismo recria suas formas, refaz suas políticas, o que faz com que o exercício da dominação e resistência assumam outras proporções”. Os três momentos são: Primeira Guerra Mundial, Depressão de 1929 e Surgimento dos Blocos Capitalista e Socialista.

EXPERIÊNCIAS

Os alunos devem elaborar seus trabalhos e estudar a partir da recomendação de que se atenham às suas “experiências socialmente vividas, porque supomos que o exercício da dominação e resistência ocorre em várias instâncias”, diz a proposta. E ela aponta exemplos:

“Ocupação do solo”, envolvendo especulação imobiliária, elevação de aluguéis, expansão de favelas e cortiços e reações através de invasões de terra”.

“Desemprego, discutindo movimentos reivindicatórios de melhoria salarial, diminuição da jornada de trabalho, organização dos trabalhadores, suas lutas e manifestações etc...”

E para melhor compreensão dos alunos, a proposta indica: “Poderia ser escolhida uma manifestação em que se evidenciassem lutas por melhores condições de trabalho; manifestação essa que pode ter ocorrido no local em que está inserida a escola”.